

Perfil, prevalência e percepção dos alunos do ensino médio sobre a prática da automedicação

Profile, prevalence and perception of high school students about the practice of self-medication

Perfil, prevalencia y percepción de estudiantes de secundaria sobre la práctica de la automedicación

Recebido: 30/05/2022 | Revisado: 11/06/2022 | Aceito: 12/06/2022 | Publicado: 24/06/2022

Michelle Sílvia Pereira de Araújo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4454-1525>

Centro Universitário da Vitória de Santo Antão, Brasil

E-mail: araujo-michelle@hotmail.com

Wagner Gomes da Silva Freitas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9099-0260>

Secretaria de Educação de Pernambuco, Brasil

E-mail: wagnergsf15@gmail.com

Diana Ramos Cavalcanti

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3208-374X>

Faculdade Integrada Tiradentes, Brasil

E-mail: dianarcavalcanti@hotmail.com

Julyana Viegas Campos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7663-8893>

Centro Universitário da Vitória de Santo Antão, Brasil

E-mail: viegasjulyana@gmail.com

Danilo Ramos Cavalcanti

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5577-2708>

Centro Universitário da Vitória de Santo Antão, Brasil

E-mail: danilorc16@gmail.com

Resumo

A automedicação é considerada uma prática bem difundida no mundo, associada ao uso indiscriminado de medicamentos. Tal conduta é um risco à saúde, especialmente quando praticada por indivíduos em idade escolar. Desta forma, o objetivo do presente estudo foi avaliar o perfil, a prevalência e a percepção de alunos do ensino médio sobre a prática da automedicação. Para isso, foi realizado um estudo transversal, descritivo, com 270 estudantes de uma escola de referência em ensino médio. Foi aplicado um questionário estruturado sobre condutas e procedimentos relacionados à automedicação. Observou-se prevalência na faixa etária de 19 a 22 anos (46,6%), em indivíduos do sexo feminino (62,9%). Dentre os fármacos citados, os analgésicos prevaleceram (78,1%), 98,1% não leem a bula antes de se medicar e 70,6% consomem o mesmo medicamento em casos de recidiva. Logo, conclui-se que é de extrema importância a conscientização acerca do uso racional de medicamentos entre os estudantes.

Palavras-chave: Automedicação; Estudantes; Prevalência; Saúde; Educação.

Abstract

Self-medication is considered a widespread practice in the world, associated with the indiscriminate use of medicines. Such conduct is a health risk, especially when practiced by school-aged individuals. Thus, the objective of the present study was to evaluate the profile, prevalence and perception of high school students about the practice of self-medication. For this, a cross-sectional, descriptive study was carried out with 270 students from a high school reference school. A structured questionnaire on behaviors and procedures related to self-medication was applied. There was a prevalence in the age group from 19 to 22 years (46.6%), in female individuals (62.9%). Among the drugs mentioned, analgesics prevailed (78.1%), 98.1% do not read the package insert before taking medication and 70.6% consume the same medication in cases of recurrence. Therefore, it is concluded that it is extremely important to raise awareness about the rational use of medicines among students.

Keywords: Self-medication; Students; Prevalence; Health; Education.

Resumen

La automedicación es considerada una práctica extendida en el mundo, asociada al uso indiscriminado de medicamentos. Dicha conducta es un riesgo para la salud, especialmente cuando la practican personas en edad escolar. Así, el objetivo del presente estudio fue evaluar el perfil, la prevalencia y la percepción de los estudiantes de

secundaria sobre la práctica de la automedicación. Para ello se realizó un estudio descriptivo transversal con 270 alumnos de un colegio de referencia de bachillerato. Se aplicó un cuestionario estructurado sobre conductas y procedimientos relacionados con la automedicación. Hubo predominio en el grupo de edad de 19 a 22 años (46,6%), en individuos del sexo femenino (62,9%). Entre los medicamentos mencionados, prevalecieron los analgésicos (78,1%), el 98,1% no lee el prospecto antes de tomar el medicamento y el 70,6% consume el mismo medicamento en caso de recurrencia. Por lo tanto, se concluye que es de suma importancia sensibilizar a los estudiantes sobre el uso racional de los medicamentos.

Palabras clave: Automedicación; Estudiantes; Prevalencia; Salud; Educación.

1. Introdução

A automedicação é considerada como consumo de medicamentos sem que estes tenham sido prescritos por um profissional de saúde, com o intuito de aliviar sintomas ou tratar doenças, sendo reconhecida como uma prática de autocuidado com a saúde. Esse assunto está sendo bastante abordado, porém essa prática já é vivenciada por diferentes gerações (Matos et al., 2018).

A desunião entre a farmácia e a clínica, ocorrida em meados do século XX, desencadeou uma disputa de poder entre os médicos e os farmacêuticos em relação à indicação dos medicamentos. Pode-se dizer que esse fenômeno favoreceu o uso indiscriminado dos medicamentos sem prescrição (Silva et al., 2020).

O resultado dessa busca por saúde de forma imediata apresenta como consequência aumento nos índices de efeitos negativos advindos do uso inadequado e/ou desnecessário destas substâncias. Sendo importante ressaltar que fatores econômicos, políticos e culturais têm contribuído para o crescimento e a difusão da utilização inadequada de medicamentos tanto no Brasil quanto no mundo, tornando-a um problema de saúde pública, principalmente em jovens e pessoas de alta escolaridade (Xavier et al., 2021). A automedicação configura, portanto, a responsabilização do indivíduo pela melhoria da sua saúde e aparece como problema a partir da generalização desta prática a todas as situações de doença (Matos et al., 2018).

A lei 13.021 de 2014 definiu farmácia como uma unidade prestadora de serviços de “assistência farmacêutica assistência à saúde e orientação sanitária individual e coletiva na qual se processe a manipulação e/ou dispensação de medicamentos [...]” (BRASIL, 2014). Dessa forma, a atenção farmacêutica tem como objetivo promover o uso racional de medicamentos e conscientizar a população sobre a importância dessa prática, justificando a necessidade da presença de um farmacêutico em todas as farmácias e drogarias do país (Stefano & Arruda, 2018; Santos et al, 2020).

A influência da mídia por meio da propagação de informações veiculadas nos canais televisivos e internet, além de familiares e amigos colaboram para a adesão da automedicação por parte da população. O baixo custo, os medicamentos vendidos sem prescrição farmacêutica e o fácil acesso às drogarias facilitam tal prática, pois não se configura como crime, mas como uma atitude irracional dos seus usuários (Silva & Lins, 2020).

A adolescência, que é uma fase crucial no desenvolvimento humano, em que os jovens estão mais suscetíveis e vulneráveis aos comportamentos de risco, apresentam grandes transformações físicas, biológicas, emocionais, hormonais e sociais, que requerem atenção especial das autoridades sanitárias e educacionais na preservação de sua saúde (Frank et al., 2018).

Ainda, fatores como a fuga da realidade, distanciamento da angústia, baixa tolerância ao sofrimento e exaltação do prazer momentâneo induzem as pessoas a buscarem medidas ilusórias nos medicamentos, divulgados, muitos deles de modo subliminar, em propagandas e publicidades. A prática da automedicação em adolescentes é concreta e alarmante e são necessárias políticas de saúde para que medidas de prevenção de danos e hábitos saudáveis sejam desenvolvidas (Caralo et al., 2019)

Sendo assim, o objetivo do presente estudo foi avaliar o perfil, a prevalência e a percepção de alunos do ensino médio sobre a prática da automedicação.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, transversal, do tipo qualitativo e quantitativo, realizado com alunos de uma escola de referência em Ensino Médio, no município de Cumaru – PE. A pesquisa foi realizada entre os meses de fevereiro e março de 2022, por meio de um questionário semiestruturado elaborado pelos autores, composto por 12 questões. Além disso, foram coletados dados sociodemográficos dos participantes como sexo, faixa etária e etnia. O questionário foi aplicado em sala de aula. Cada participante recebeu o questionário e foi instruído sobre como responder ao formulário.

A população da escola, no momento da realização da pesquisa, foi de 627 alunos. Por isso, para determinação da amostra, foi utilizado o cálculo amostral de acordo com a seguinte fórmula: $n = N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1-p) / Z^2 \cdot p \cdot (1-p) + e^2 \cdot N - 1$ (onde, n: amostra calculada, N: população, Z: variável normal, p: real probabilidade do evento, e: erro amostral). Foi adotado nível de confiança de 95% e erro amostral de 5%, o que resultou em uma amostra mínima de 239 participantes. Participaram da pesquisa por alunos de ambos os sexos, com faixa etária entre 13 e 22 anos, distribuídos em quatro turmas do 1º ano do Ensino Médio e duas turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esse público-alvo foi escolhido por cursarem uma disciplina eletiva que abordava a questão do uso racional de medicamentos, enquanto que os alunos das demais turmas não estavam vivenciando esse conteúdo no momento.

Foram incluídos alunos que estivessem cursando o Ensino Médio, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aplicado para os maiores de 18 anos e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para os menores de 18 anos. Foram excluídos os alunos que não estivessem matriculados e que não apresentassem assiduidade nas aulas.

Para a análise dos dados, foi criado um banco no Microsoft Excel 2013 para determinação de frequência absoluta e porcentagem. Posteriormente, foi utilizado o Microsoft Word 2013 para confecção de tabelas e o GraphPadPrism 8 para confecção dos gráficos.

A presente pesquisa faz parte de um projeto maior intitulado “Perfil, prevalência e fatores associados à automedicação em cidades do interior de Pernambuco, Brasil”, o qual foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão (UNIVISA), com CAAE: 39916720.3.0000.9227 e parecer 4.397.848.

3. Resultados e Discussão

Participaram da pesquisa 270 alunos, sendo 200 do 1º ano do Ensino Médio e 70 da EJA. A prevalência aconteceu no sexo feminino (62,9%), em estudantes na faixa etária de 16 a 18 anos de idade (46,6%) e de etnia preta (74,8%) (Tabela 1).

Tabela 1. Dados sociodemográficos dos participantes.

Variável	N	%
Sexo		
Masculino	100	37,1
Feminino	170	62,9
Faixa etária		
13 -15 anos	71	26,3
16 -18 anos	126	46,6
19-22 anos	73	27,1
Etnia		
Branca	68	25,2
Preta	102	37,8
Parda	100	37,0
Amarela	0	0
Total	270	100

Fonte: Autores.

Quanto aos hábitos e costumes relacionados ao uso regular de medicamentos (Tabela 2), 47,4% dos participantes, afirmaram usá-los regularmente, e, 63% dos alunos costumam trazê-los para a escola. Também, 74,1% consomem medicamentos por conta própria e 74,1% afirmaram que automedicam por decisão própria.

Tabela 2. Percentual dos hábitos e costumes relacionados à utilização de medicamentos.

Variável	N	%
Uso regular de medicamentos		
Sim	128	47,4
Não	142	52,6
Costuma trazer medicamentos para a escola		
Sim	170	63
Não	100	37
Costuma consumir medicamentos por conta própria		
Sim	200	74,1
Não	70	25,9
Indicação medicamentosa		
Pais	10	3,7
Amigos	5	1,8
Farmacêutico	30	11,1
Decisão própria	200	74,1
Internet/Redes Sociais	25	9,3
Total	270	100

Fonte: Autores.

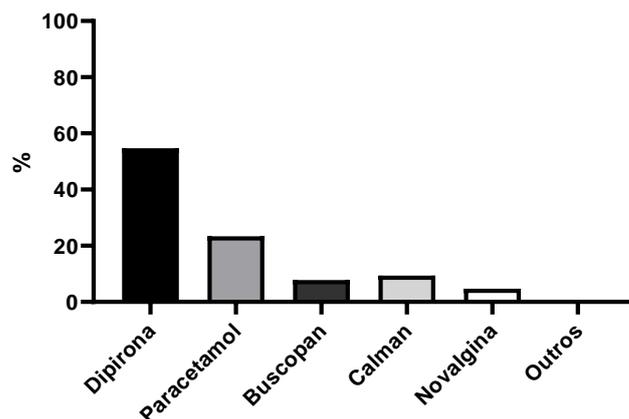
Dentre os 200 indivíduos que afirmaram consumir medicamentos por conta própria, 167 (83,5%) eram do sexo feminino (61,8%). Tais dados estão em consonância com outras pesquisas realizadas com alunos de Ensino Médio acerca da prática da automedicação, a saber: Santos et al., (2019), Santos et al. (2020) e Santos et al. (2022), que apresentam prevalência no sexo feminino com 70%, 53%, 67,4%, respectivamente. Uma limitação do estudo apresenta-se na variável “indicação medicamentosa”, pelo fato de haver apenas uma opção de profissional da saúde, o que pode ter direcionado os participantes a escolherem a opção “decisão própria”.

Prevalência de automedicação em estudantes do sexo feminino também foram relatadas nos trabalhos de Pons et al. (2017), Caralo et al., (2019), Braz et al. (2019) e Santos et al. (2019), corroborando os dados do presente estudo. Alguns autores como Arrais et al. (2016) e Pons et al. (2017) justificam que essa diferença entre os gêneros se deve pelos desconfortos

e dores durante o período menstrual e por estarem mais atentas aos sinais de doença. Já Prado et al. (2016) afirma que os homens, geralmente, para não demonstrarem fragilidade, acabam tendo uma conduta de negação para a prática da automedicação.

Quanto aos medicamentos trazidos frequentemente pelos alunos para a escola, destacaram-se: Dipirona (54,7%), Paracetamol (23,4%), Buscopan (7,8%), Calman (9,4%) e Novalgina (4,7%) (Figura 1).

Figura 1. Percentual de medicamentos usados regularmente e que são trazidos à escola pelos alunos.



Fonte: Autores.

A Figura 1 mostra que 90,6% da automedicação realizada no ambiente escolar se dão pelo uso dos analgésicos. Este resultado é corroborado pelos estudos de Caralo et al., (2019), Matos et al. (2018) e Amaral, Guimarães e Menezes (2022), que mostraram prevalência dessa classe de medicamentos.

De acordo com Braz et al. (2019), a utilização de medicamentos sem orientação de um profissional farmacêutico acontece por se tratar medicamentos de uso comum e, geralmente, não é exigida a prescrição de um profissional da saúde habilitado para tal fim. Matos *et al.* (2018) corrobora com esta linha de raciocínio ao afirmar que o sintoma responsável pela maior parte dos casos de automedicação é a dor de cabeça/febre (67,9%), seguido por resfriado/gripe (32,6%).

Matos et al. (2018) reforçam os dados desta pesquisa ao afirmarem que em 69% dos casos analisados por eles o consumo de medicamentos foi realizado por iniciativa própria ou pela orientação da mãe do indivíduo. Além disso, adverte sobre a existência de riscos à saúde e à vida inerentes ao hábito utilizar medicamentos sem uma orientação de um especialista. Santos et al. (2019), Amaral et al., (2022) e Correia et al., (2019) alertam para o perigo da ingestão medicada que pode ou não aliviar a dor naquele momento, ampliando a possibilidade de ocorrência de reações adversas, podendo mais tarde agravar o problema de saúde.

A Tabela 3 apresenta o conhecimento e a conduta dos participantes em relação à automedicação. Para 40,4% dos estudantes, automedicação significa tomar remédio sem prescrição médica. Em caso de recidivas, 70,4% afirmaram consumir o mesmo medicamento anterior. Quanto à conduta dos participantes, 92,2% já interromperam o tratamento por se sentirem melhor, 98,1% não leem a bula antes de se medicarem, 95,5% afirmaram não ter apresentado reação adversa com o uso do medicamento sem prescrição. Quando questionados sobre o que deveria ser feito para minimizar o uso irracional de fármacos, 45,5% alegaram a realização de palestras nas escolas e 40,7% dos estudantes reconhecem que o principal motivo da automedicação se dá por já terem consumido o medicamento anteriormente.

Tabela 3. Conhecimento e conduta dos alunos em relação à automedicação.

Variável	N	%
O que é automedicação?		
Tomar remédio sem prescrição médica	109	40,4
Risco à saúde	56	20,7
Tomar remédio por conta própria	105	38,9
Em caso de recidiva de um sintoma, qual conduta você realiza?		
Retorna ao médico para adquirir nova prescrição	80	29,6
Consome o mesmo medicamento anterior	190	70,4
Já interrompeu o tratamento por se sentir melhor?		
Sim	249	92,2
Não	21	7,8
Você lê a bula antes de se medicar?		
Sim	05	1,9
Não	265	98,1
Já apresentou alguma reação adversa pelo uso de um medicamento sem prescrição		
Sim	12	4,5
Não	258	95,5
O que deveria ser feito para que houvesse o consumo racional de medicamentos?		
Obter mais informações	100	37
Palestras nas escolas	123	45,5
Proibição de propagandas	10	3,8
Venda apenas com receita	37	13,7
Qual o principal motivo que leva às pessoas à automedicação?		
Já ter consumido o medicamento anteriormente	110	40,7
Venda livre nas farmácias	101	37,5
Condições financeiras	59	21,8
Total	270	100

Fonte: Autores.

Analisando a tabela 3 percebe-se que a maioria dos sujeitos associa corretamente o conceito da automedicação com a ação de fazer uso de remédios sem orientação profissional, todavia o conhecimento não é colocado em prática. Isso é refletido na conduta de não ler a bula ao se medicar relatada pelos participantes. Este resultado discorda dos dados apresentados por Matos et al. (2018), Andrade e Behomol (2019) e Amaral et al., (2022), apontando que 68,5%, 49,1% e 84%, respectivamente, os participantes leem a bula. Segundo esses autores, a conduta de não ler a bula pode ensejar graves riscos à saúde do indivíduo, uma vez este instrumento orientador contém informações primordiais à segurança do paciente ao utilizar o medicamento.

Os estudantes relataram tomar a mesma medicação anterior em casos de recidiva. Essa variável relaciona-se com a dos motivos que levaram os participantes a se automedicarem, no qual 40,7% dos entrevistados afirmaram ser esse o principal fator. Santos et al. (2018) e Filler et al. (2020) ressaltam em seus trabalhos que essa conduta se deve ao fato de o paciente ter tomado a medicação anteriormente e ter surtido efeito. Logo, à medida que sintomas similares surjam, a medicação da prescrição anterior volta a ser utilizada. Ferreira, Souza e Paim (2019) destacaram que um dos fatores que contribuem para a

automedicação é o fácil acesso às drogarias, corroborando a afirmação de 37,5% dos entrevistados.

Nos relatos de interrupção de medicamentos por se sentirem melhor e não seguirem o que diz a bula ou a prescrição médica, Barbosa e Boechat (2012) e Braz et al. (2019) advertem sobre os potenciais riscos à saúde e casos de resistência microbiana. Além disso, Barbosa e Boechat (2012) alerta sobre os riscos existentes na insistência em um tratamento que pode não estar sendo eficaz ao combate dos sintomas.

4. Conclusão

Com os resultados obtidos a partir desse estudo, sugere-se que a prática da automedicação é constante em estudantes. Isso remete à necessidade de aplicação de ações educativas, visando à conscientização desse público, uma vez que o cenário escolar é uma possibilidade de mudanças de posicionamento por meio da educação. Nessa fase, é possível instruir o aluno a adotar medidas de prevenção em relação ao uso irracional de fármacos.

Quanto à prevalência, sugere-se que a classe de fármacos mais utilizada pelos estudantes é analgésicos, o que se justifica pelo fato de tais medicamentos serem isentos de prescrição médica. Além disso, a facilidade de acesso às drogarias contribui para o acesso ao medicamento de maneira rápida e de baixo custo.

A percepção dos estudantes em relação à temática da automedicação sugeriu que é necessário trabalhar de forma mais aprofundada esse tema nas escolas, por meio da conscientização acerca dos riscos dessa prática.

Referências

- Amaral, R. S., Guimarães, Z. F. S. & Menezes, J. P. C. (2022). Se não cura, não faz mal? Automedicação: estratégias para educação em saúde no ensino de Biologia. *Revista EVS - Revista de Ciências Ambientais e Saúde*, 48 (1), 1-12.
- Arrais, P. S. D., Fernandes, M. E. P., Pizzol, T. S. D., Ramos, L. R., Mengue, S. S., Luiza, V. L., Tavares, N. U. L., Farias, M. R., Oliveira, M. A., & Bertoldi, A. D. (2016). Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. *Revista de Saúde Pública*, 50(suppl 2). <https://doi.org/10.1590/s1518-8787.2016050006117>
- Barbosa, L. B., & Boechat, M. S. B. (2012). Perfil da automedicação em estudantes do município de Laranjal/ MG. *Acta Biomedica Brasiliensia*, 3(1), 98–109. <https://www.actabiomedica.com.br/index.php/acta/article/view/40>
- Brasil. (2014). Lei nº 13.021, de 08 de agosto de 2014. Dispões sobre o exercício e a fiscalização das atividades farmacêuticas. Publicada no D.O.U. de 11 de agosto de 2014. Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF.
- Braz, G. M. O. S., Reis, V. F., Machado, M. P., & Costa, R. S. L. (2019). Automedicação na Adolescência: Prática entre alunos de uma escola de ensino médio. *Revista Enfermagem Contemporânea*, 8(1), 49–58. <https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v8i1.2052>
- Caralo, C. B., Colombi, L. C., & Silva, T. (2021). Automedicação na adolescência: *Cadernos Camilliani E-ISSN: 2594-9640*, 16(2), 1197–1211. <http://www.saocamilo-es.br/revista/index.php/cadernoscamilliani/article/view/335>
- Correia, B. C., Trindade, J. K., & Almeida, A. B. (2019). Fatores Correlacionados à Automedicação entre os Jovens e Adultos: Uma Revisão Integrativa da Literatura. *Revista de Iniciação Científica E Extensão*, 2(1), 57–61. <https://revistasfasesenaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/143>
- Ferreira, F. G., Souza, J. S. M., & Paim, R. S. P. (2019). Prevalência da Automedicação em Acadêmicos de Enfermagem em uma Faculdade de Caxias do Sul. *Revista Contexto & Saúde*, 19(36), 46-52.
- Filler, L. N., Abreu, E. B., Silva, C. B., Silva, D. F., & Montiel, J. M. (2020). Caracterização de uma amostra de jovens e adultos em relação à prática de automedicação. *Psicologia e Saúde em Debate*, 6(2), 415–429. <https://doi.org/10.22289/2446-922x.v6n2a27>
- Frank, R., Claumann, G. S., Felden, É. P. G., Silva, D. A. S., & Pelegrini, A. (2018). Body weight perception and body weight control behaviors in adolescents. *Jornal de Pediatria*, 94(1), 40–47. <https://doi.org/10.1016/j.jpdp.2017.03.008>
- Matos, J. F., Pena, D. A. C.; Parreira, M. P.; Santos, T. C., & Coura-Vital, W. (2018). Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. *Cadernos de Saúde Coletiva*, 26(1), 76–83. <https://doi.org/10.1590/1414-462X201800010351>
- Pons, E. S., Knauth, D. R., Vigo, Á., & Mengue, S. S. (2017). Predisposing factors to the practice of self-medication in Brazil: Results from the National Survey on Access, Use and Promotion of Rational Use of Medicines (PNAUM). *PLOS ONE*, 12(12), e0189098. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0189098>
- Prado, M. A. M. B., Francisco, P. M. S. B., Bastos, T. F., & Barros, M. B. A. (2016). Uso de medicamentos prescritos e automedicação em homens. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 19(3), 594–608. <https://doi.org/10.1590/1980-5497201600030010>
- Santos, A. K. T., Cardoso, J. R. S., Freitas, P. G., & Alves, C. S. B. (2020). Farmácia clínica e atenção farmacêutica em drogaria: Para hipertensos em uso de losartana potássica. *Revista Eletrônica Gestão e Saúde*, 1(1), 7-25.

- Santos, E. S. P., Andrade, C. M., & Bohomol, E. (2019). Prática da automedicação entre estudantes de ensino médio. *Cogitare Enfermagem*, 24. <https://doi.org/10.5380/ce.v24i0.61324>
- Santos, I. C., Santos Neto, O. M., Pedrazzi, V., & Issa, J. P. M. (2020). Percepções de estudantes do ensino médio quanto à automedicação. *e-Mosaicos*, 9(22), 264-275.
- Santos, T. S., Almeida, M. M., Pessoa, E. V. M., Pessoa, N. M., Siqueira, H. D. S., Silva, J. M. N., Silva, F. L., Miranda Junior, R. N. C., Rodrigues, A. C. E., Santos, W. S., Pereira Júnior, J. M., Santos Alexandre, V. C., Ferreira Silva, E., & Feitosa Santos, A. (2022). Ação educativa para conscientização de escolares do ensino médio acerca da automedicação. *Diversitas Journal*, 7(2). <https://doi.org/10.48017/dj.v7i2.2119>
- Silva, A. B. S., Pessoa, G. T., & Sousa, F. D. C. A. (2018). Prática da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem de uma instituição de ensino superior. *Scientia Plena*, 14(7). <https://doi.org/10.14808/sci.plena.2018.076501>
- Silva, J. C. S., Souza, F. C. R., & Aoyama, E. A. (2020). A incidência do uso indiscriminado de medicamentos. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*. <https://revistarebis.rebis.com.br/index.php/rebis/article/view/77>
- Silva, J. H. S., & Lins, M. A. F. (2020). Quem tem dor, tem pressa: a influência da mídia sobre a automedicação frente a uma revisão narrativa da literatura. *Revista Multidisciplinar do Sertão*, 2(2), 228-235. <https://doi.org/10.37115/rms.v2i2.256>
- Stefano, G. M. M. F.; & Arruda, R. C. (2018). Dispensação de antimicrobianos: aspectos legais e autonomia farmacêutica. *Revista Interdisciplinar em Gestão, Educação, Tecnologia e Saúde*, 1(1), 114-126.
- Xavier, M. S., Castro, H. N., Souza, L. G. D., Oliveira, Y. S. L., Tafuri, N. L., & Amâncio, N. F. G. (2021). Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(1), 225-240.